

Editorial

Entre a exaltação da velhice e o amargo fim



“Convém não dissociar a velhice da vida em si – a velhice é, em suma, a cena final desta peça que é a existência”.

Cícero

Iniciamos as reflexões propostas nesta edição de nº 20 da Revista Portal de Divulgação, com as palavras do grande filósofo Cícero (106 AC - 43 AC) que de maneira tão inovadora refletiu sobre a velhice, que era, à sua época, atingida por poucos. Ele mesmo viveu “apenas” 63 anos e morreu assassinado por questões políticas, mas era considerado um velho em seu tempo.

A epígrafe que nos leva a estas reflexões iniciais é a mesma com a qual Quaresma (2004) inicia a obra *O Sentido das Idades da Vida. Interrogar a solidão e a dependência*.

A obra de Cícero é, também, a base para as reflexões de outro grande filósofo italiano de nossa época – Norberto de Bobbio (1909-2004) que em sua obra autobiográfica *O Tempo da Memória* (1997) coloca, como subtítulo, o título da obra do filósofo romano - *De Senectude* - escrita em 44 AC.

Nela Cícero exalta a velhice e busca desdramatizar a morte, mas Bobbio, que escreve sua obra aos 87 anos, polemiza esta ideia afirmando, com o pessimismo que o caracterizava que:

“[...] a descida em direção a nenhum lugar é longa, mais longa do que eu jamais imaginara, e lenta, a ponto de parecer quase imperceptível (mas não para mim)”.

Exaltação da velhice ou, seu contrário, a amarga constatação das perdas e aproximação do fim?

De certo modo, os artigos que compõe esta publicação de abril 2012 oscilam entre estes dois extremos. O artigo *Cenário da longevidade anuncia isolamento e solidão. O que os cadáveres de idosos encontrados estão nos dizendo?* aborda a velhice, o isolamento e a morte no abandono, talvez um dos maiores “fantasmas” que assombram todos e, especialmente, os mais longevos. Os casos relatados neste artigo exemplificam esta cruel realidade, foco também da obra de Philippe Pitaud (2004) *Solitude et isolement des personnes âgées. L’environnement solidaire* – baseada nas inquietações e sentimentos de espanto e vergonha, ante a realidade vivida no verão francês de 2003, no qual centenas de idosos faleceram em suas casas na solidão, por abandono e negligência.

Muito se fala sobre o quanto o envelhecimento nos países desenvolvidos é de melhor qualidade, até porque já é fato estabelecido há tempo e contar com infraestrutura de serviços mais bem organizados, mas não é isto o que a realidade nos indica.

Ainda na obra organizada por Pitaud o título do primeiro capítulo, de autoria de Bernadette Puijalon, também nos faz pensar: *Paroles de Solitude*. “Un vieil homme est toujours Robinson” – Palavras de Solidão. “Um homem velho é sempre Robinson”.

Robinson Crusoé, personagem marcante da literatura ocidental surgido da obra de Daniel Defoe, publicada em 1719 na Inglaterra, relata a vida de um náufrago que viveu por 28 anos em uma ilha sem recursos, até ser finalmente resgatado. A história mostra, no entanto, que a solidão de Robinson foi amenizada, depois de certo tempo, pelo aparecimento de um natural da terra – denominado por ele de Sexta-feira, dia da semana em que fez contato pela primeira vez.

Podemos pensar neste relato como uma metáfora da sobrevivência frente ao isolamento extremo? Seria Sexta-feira um possível símbolo do cuidador, que ajudou o náufrago a sobreviver, por sua ajuda e companhia, mesmo sem uma língua comum? Estabeleceu-se entre eles um vínculo de solidariedade?

Mas, não vivemos em uma ilha. Vivemos majoritariamente hoje, e como indicam os fatos relatados, em grandes cidades, rodeados de pessoas e, no entanto, nestes casos nem a família, nem os amigos, nem os vizinhos, ou as autoridades públicas “perceberam” os desaparecimentos. Estes indivíduos já não pertenciam a este “mundo”, mesmo que biologicamente estivessem vivos.

Segundo Pitaud é como se estivéssemos em guerra e afirma:

“[...] guerra contra mediocridade de comportamentos individuais e coletivos em uma sociedade em plena “liquefação”, na qual os direitos são substituídos pelos

deveres e a justicialização das relações sociais acentua os comportamentos egoístas e oportunistas [...] Sim, estamos em guerra frente à destruição progressiva e regular dos laços sociais [sabendo que] esse desaparecimento provoca isolamento e solidão, produzindo a exclusão sob todas as formas.” (2004:7)

É neste contexto que a figura do cuidador - familiar informal e / ou aquele que o exerce formalmente - surge com figura fundamental na ligação entre um indivíduo dependente, sua família e a sociedade em geral.

No entanto, o artigo *O Estresse como epidemia e suas implicações no cuidador idoso*, descreve também sua solidão e dependência – ele fica como o idoso, muitas vezes, à margem, escondido, sem apoio, apesar de seu papel primordial no seio da família.

Segundo os autores, o estresse, derivado de uma pressão contínua, é uma “epidemia” de nosso tempo. Mas, segundo estudos “[...] no cuidador, o estresse se torna mais complexo, pois envolve múltiplos fatores, como a sobrecarga exercida pelas atividades diárias, o isolamento social, a exposição prolongada a eventos estressantes, a desarmonia familiar, a falta de apoio social, a falta de tempo para cuidar de si, a solidão, poucos recursos materiais, etc.”.

Não existem ainda projetos consistentes na área de políticas públicas que forneçam suporte físico e emocional aos cuidadores, e esta é uma questão que envolve a conscientização da sociedade e do próprio cuidador, e indica a necessidade de formação continuada dos familiares e profissionais envolvidos no ato de cuidar.

Se a velhice ainda é estigmatizada em nossa sociedade, o cuidador de idosos é visto sob o mesmo olhar discriminatório.

A formação e aprendizagem ao longo da vida pode ser “ferramenta” de empoderamento de idosos, seus familiares e cuidadores. Este é o assunto abordado no artigo *Formando Cuidadores de Idosos. Saber e Competência*. Nele é destacada uma formação que se apoie na competência técnica e na humanização das relações, pois só a técnica pode desconsiderar o indivíduo cuidado – cuida-se de forma competente, mas de modo frio e automático; por outro lado, o cuidado baseado apenas na boa vontade, respeito e amor também não supre as necessidades dos idosos dependentes, especialmente aqueles com alto grau de fragilidade.

Verifica-se que muitos são os cursos de Formação de Cuidadores, mas ainda não existe uma base mínima comum que os subsidie e ofereça solidez na atuação desenvolvendo e articulando saberes e competências adequadas, com a solidariedade e a responsabilidade que o Cuidar exige.

Em 2012 celebra-se o Ano da Solidariedade entre Gerações na Europa, mas esta palavra – Solidariedade – muito utilizada, o que significa?

Solidariedade quer dizer compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras, e cada uma delas, a todas. É o sentimento de simpatia pelos que sofrem e, principalmente, a manifestação desse sentimento em ações cooperativas, implicando uma divisão de tarefas e a mútua responsabilidade sobre elas. A solidariedade e a responsabilidade implicam um compartilhar de sentimentos, ideias, deveres na busca de um “bem” comum e a (trans) formação para uma sociedade mais igualitária.

Esperamos que as propostas e ações deste ano de Solidariedade Intergeracional sejam consistentes para que possamos discuti-las e implantá-las, aqui no Brasil, na busca de um espaço de vida solidário para todas as idades.

Este cuidar é amplo, e abrange a atividade de profissionais de várias áreas que, trabalhando em equipe, podem beneficiar idosos com comprometimentos, até os mais severos, como indica o artigo *Atendimento multidisciplinar em paciente idosa com Alzheimer em fase intermediária em domicílio. Relato de caso – o cirurgião dentista como integrante*.

Os autores apresentam um caso de atendimento bem sucedido, indicando que o odontogeriatra deve se integrar à equipe gerontológica no ambiente domiciliar, com a finalidade de promover o bem estar e qualidade de vida dos pacientes mais fragilizados e, simultaneamente, oferecer apoio e orientação aos familiares e cuidadores.

Um trabalho de conclusão de curso, realizado por alunas de Serviço Social, indica a importância de preparar profissionais, desde a graduação, para a atuação num mundo em permanente mudança e a caminho da longevidade. *Breves Reflexões sobre morar na velhice* é o resultado de uma pesquisa bibliográfica que buscou entender as questões de moradia na fase do envelhecimento. Refletir sobre onde, como moram e vivem os idosos teve como objetivo “verificar como governos, comunidades e famílias encaram uma situação que vem se tornando cada vez mais evidente na sociedade em geral e, em particular, nas famílias brasileiras: - o envelhecimento”.

Como ressaltamos no início deste Editorial o onde e como vivem os mais velhos é uma reflexão fundamental na perspectiva humanística do cuidar. No entanto, devemos considerar que os idosos podem morar só e, muitas vezes, esta é uma escolha voluntária trazendo, para alguns, um sentimento de liberdade e plenitude. A busca por uma vida digna, em todas as idades da vida, pressupõe escolhas dentre as quais a independência e uma solidão positiva, após uma vida repleta de trabalho, horários, compromissos e obrigações.

Nesta perspectiva, o artigo *Qualidade de vida na velhice* indica novas possibilidades de encontros e trocas entre os idosos, em espaços que promovam e ampliem a formação de uma rede de relações afetivas não vinculadas, necessariamente, à família. Nestes espaços de convivência e lazer,

diferentes profissionais oferecem muitas atividades que facilitam os encontros e o empoderamento dos idosos.

No artigo indicado as autoras, terapeutas ocupacionais, afirmam que o objetivo de seu trabalho é “a promoção da independência e autoconfiança; a preservação da identidade; a prevenção e/ou enfrentamento de deficiências funcionais, com ajuda de adaptações e/ou através de atividades selecionadas a partir das possibilidades, interesses e limitações do idoso; identificar dificuldades de desempenho - biológicas, afetivas, cognitivas e sociais”.

O trabalho em rede solidário que envolva idosos, família, profissionais e comunidade, pode apoiar os idosos nos vários modos e formas de envelhecer, incluindo o viver uma solidão positiva – independência e liberdade – sem abandoná-lo ou “esquecê-lo”, estando atento e oferecendo suporte adequado e necessário.

Sempre falamos de cuidadores como profissionais ou familiares envolvidos em cuidados específicos e necessários, mas esquecemos de que cada um de nós é um cuidador da vida. Somos responsáveis por nós mesmos e pelos outros, não importando a idade e o grau de parentesco, somos parte desta rede de solidariedade que sustenta os diferentes modos de viver e envelhecer, como no exemplo trazido em *Anacrônicas* que indica um caminho de busca permanente para melhorar as atitudes em relação aos idosos, e preparar as pessoas para um envelhecimento futuro mais saudável e produtivo.

Assim, como afirmava a frase em epígrafe, devemos tratar a velhice como parte da vida – trajetória natural e biologicamente determinada - e que pode ser um momento de reencontro consigo mesmo e com outros, troca solidária e responsável pelo qual estabelecemos o “dom” da troca – de sentimentos, ideias, experiências - em busca de uma sociedade mais igualitária.

Plantar hoje, cuidar sempre, colher no amanhã.

Referências

Bobbio, Norberto. *O Tempo da Memória. De Senectude*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Pitaud, Philippe (org.). *Solitude et isolement des personnes âgées. L'environment solidaire*. Editions Érès. Ramonville Saint-Agne, 2004.

Quaresma, Maria de Lourdes (org.). *O Sentido das Idades da Vida. Interrogar a solidão e a dependência*. CESDET: Lisboa, 2004.

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras